***AS VILLAS***

***"Ficaria-nos-mal, a todos nós que tanto devemos ao Brasil, a nós todos que vemos a nossa terra engrandecida por uma grande parte dos nossos concidadãos lá terem ido ganhar as suas fortunas e depois virem edificar aqui as habitações, dotando a vila com casas de caridade, etc. desejamos que a um dos nossos principais largos ou ruas se não desse o honrado nome de Largo ou Rua da República do Brasil? Quem nos representa deve tomar essa iniciativa, que como homenagem ao Brasil, é merecidíssima.»*** (O Desforço, 6/12/1912)

O Brasil, na segunda metade do século XVIII e durante o século XIX foi o lugar propício para a acumulação de fortuna e o laboratório para o que veio a ser a ampliação de pequenos e modestos Solares do Minho, a construção das novas vilas e a ampliação das cidades.

Em Portugal, mas com particular destaque para as cidades do Norte do país, permanecem vivas inúmeras [evidências materiais e simbólicas da emigração](http://www.museu-emigrantes.org/publico_privado.pdf) para o Brasil.

Tais evidências são a consequência visível dos investimentos feitos pelos "Brasileiros" em tempo de "vai e torna", ou no seu regresso definitivo, principalmente dos que emigraram a partir da década de vinte do século XIX.

O Norte de Portugal é, assim, um local privilegiado para observar as r[epresentações materiais do "Brasileiro"  e a construção simbólica](http://www.museu-emigrantes.org/As%20Representações%20Materiais%20Do%20_Brasileiro_%20e%20a%20Construção%20Simbólica%20Do%20Retorno.pdf) desse fenómeno, particularmente, porque com os primeiros lucros do Brasil, o emigrante de sucesso, regressava à terra para ampliar a casa mãe ou construir uma nova e

“*cobrir de arrecadas as irmãs queridas e a continuar, aqui, a vida laboriosa que nas terras do Brasil foi a sua glória*”.[[1]](http://www.museu-emigrantes.org/nvilasbrasileiro.htm" \l "_ftn1" \o ")

Dos que emigraram no século XIX predominavam os filhos de proprietários e agricultores, constituindo a classe média e média alta do Minho, solteiros, menores de 14 anos de idade e alfabetizados, regressando, muitos deles, definitivamente para se instalarem na terra natal, na vila ou cidade mais próxima, ou no Porto e em Lisboa.

Estes emigrantes de retorno, ao participarem no processo de desenvolvimento local com iniciativas de carácter individual ou de grupo e ainda, ao integrarem-se na vida das instituições públicas e particulares, denotam comportamentos sociais de afirmação e confirmação de lideranças, através das quais se distinguem e afirmam como parte integrante da burguesia, necessária ao processo de afirmação de uma vivência urbana, liberal e capitalista.

Os que os viram partir reconheceram  os efeitos de uma dinâmica económica nova e de uma abundância estranha aos homens do Norte de Portugal e, ainda segundo António Figueirinhas, foi *”ele quem faz arrotear os montes, agricultar os campos, podar as vinhas, levantar as elegantes ramadas. [...] Promovendo o progresso agrícola, dando nas suas quintas o exemplo da cultura inteligente, espalhando dinheiro a juro, não só beneficia as populações com seu exemplo e com seu labor, como exerce uma importantíssima função económica suprindo a falta de estabelecimentos de crédito.”****[[2]](http://www.museu-emigrantes.org/nvilasbrasileiro.htm" \l "_ftn2" \o ")***

Depois de uma longa estadia no Brasil, regressavam com sucesso: eram filhos de proprietários, que confirmam, reproduzem e reforçam os estatutos sociais dos ascendentes, deslocando-se para a Vila onde são chamados de Barões, Condes, Viscondes e mais vulgarmente de Comendadores.

No entanto, a representação mais evidente do “Brasileiro” ficou particularmente marcada na paisagem arquitectónica das cidades, vilas e aldeias do Norte de Portugal,  dado que, no século XIX, foi a época em que se verificou o retorno do emigrante português enriquecido no Brasil, sendo especialmente visíveis em Fafe as expressões da sua presença.

Este retorno reflectiu-se na [**arquitectura**](http://www.museu-emigrantes.org/casas%20brasileiras.pdf)**,**, no urbanismo e na industrialização do país, provocando a aceleração da actividade comercial, afirmando-se o “Brasileiro” e seus descendentes como constituintes de uma classe burguesa que se envolve activamente na vida pública em tempo de transformação de regime.  Os "Brasileiros de Torna-Viagem" são os edificadores de palácios, casas apalaçadas, palacetes e possuidores de um espírito filantrópico que os leva à construção de edificações cívicas: Hospitais, Asilos, Escolas, Igrejas, Passeios Públicos, Teatros, indústrias.

A casa do “Brasileiro” de “Torna - Viagem” constituiu uma das representações mais evidentes do retorno, quer na estrutura e fachada das edificações, quer nas novas demarcações internas, dividindo espaços e pessoas, evidenciando novas hierarquias e novas fronteiras sociais.

Nas fachadas dos Hospitais, Asilos, Escolas encontramos ainda o nome dos que os instituíram e nos bustos, o rosto da filantropia benemérita ao serviço da instrução e da pobreza como actos com sentidos de distinção individual e vínculos às origens, com raízes no princípio maçom de auxilio mutuo.

Nos cemitérios poderá ver-se aqueles que optaram por mandar fazer uma capela de granito fino ou escolheram uma elegante coluna para implantar o seus busto e detectar o sentido ideológico das suas vidas: católico, ateu e maçom.

Nos teatros que mandaram fazer mesmo nos centro das vilas, exibiram o seu gosto pelas artes e o desejo de promover-se e promover a cultura, completando, na época, os elementos de cultura necessária a este grupo social formado de emigrantes do Brasil, que  se  destacou do conjunto da população rural local.

A imprensa local e regional da época dá, por todo o lado, notícia das obras filantrópicas que o “Brasileiro” ia promovendo, das ideias que defendiam e do partido que tomavam no tempo em que a queda de um governo era vivido como uma revolução.

Na construção das primeiras i**ndús**trias a Vapor, desenha o que veio a ser o tecido industrial português da região do Norte de Portugal, particularmente nas fábricas têxteis do Ave, Vizela e Porto, as quais se afirmaram como grandes centralidades sociais de gente que se arrumou em bairros operários em pobrezas prolongadas até à década de sessenta do século XX.

Na segunda metade do século XIX, as vilas ganham uma acrescida importância, iniciando uma configuração urbana marcada pela abertura de novas ruas e praças, bem como pela disposição e modelos das novas edificações.

As vilas receberam as novas elites que davam sentido aos novos ideários políticos e os “Brasileiros” aí estavam a ocupar os lugares públicos que foram dos seus ascendentes, agora reforçados por constituições, códigos, decretos e deliberações municipais.

A estruturação e o desenvolvimento urbano estão intimamente ligados, quer à implantação do liberalismo, quer à República, dado que o capitalismo liberal facilitou a acumulação e circulação de recursos financeiros disponíveis.

Os recursos financeiros dos capitalistas tomam, nas vilas, importância peculiar por se constituírem, quase exclusivamente, de capitais dos “Brasileiros de torna-viagem” como o actor instruído de um Portugal moderno, das viagens e do contacto com o mundo, sendo o Brasil cosmopolita o centro da aprendizagem para jovens saídos de um país pequeno e rural.

Os sinais de retorno de sucesso e as marcas expressas nas novas formas de capital social, cultural e simbólico, fazem dele o centro da paisagem social, promovendo a chegada do Comboio à Vila, a ampliação da praça principal, a instalação da energia eléctrica e, finalmente o telegrafo que o ligava ao mundo.

Podemos ver os "Torna-Viagem" na liderança das primeiras agremiações de interesse social, nomeadamente nas confrarias e nas Irmandades da terra. No Clube, discutiam as últimas novidades chegadas da Europa e o calor da política incendiava paixões com raiz nos ideários liberais maçónicos e se fazia política, tecendo estratégias de poder.

Aí se forjavam sentidos de descendência, na colocação em lugares na administração pública, para gente que vivia de rendimentos e que fazia das cidade de Lisboa e do Porto o lugar de eleição para demoradas estadias, instalados em hotéis ou procurava a sua residência definitiva.

Uma personagem que circulou num tempo que ainda se expressa amarelecido em postais com remetente de várias regiões do Brasil, que testemunham a vida de homens viajados e cultos.

A cidade era assim o lugar privilegiado para o retorno dos que possuíam projectos de investimento comercial e continuação de urbanidade, sendo a sua figura o referente de uma nova existência social e simbólica, a qual lhe oferece o estatuto correspondente a uma nova vivência económica. Lugares privilegiados para a construção da casa do “Brasileiro” foram as Vilas Novas, sedes da nova administração liberal, localizadas em sítio de passagem e circulação, que tinham a sua matriz fundadora em lugares de feira ou cruzamento de vias.

Aqui os novos modelos arquitectónicos e o empenhamento na vida política, reflectido nos acesos combates entre progressistas e regeneradores, testemunhados na imprensa local, são sinais de retorno de sucesso e marcas de novas formas de capital social, cultural e simbólico, que faz dos “Brasileiros” o centro da paisagem, reflectida na vivência de frequentadores de casinos, praias, termas, cafés e teatros, como homens que fazem do ócio a expressão de um novo estatuto social.

A república municipalista estimulou a acção e a iniciativa dos cidadãos para a participação autárquica e a promoção de iniciativas cívicas, continuando o processo de desenvolvimento liberal “o elixir da fortuna a remoça deveras; as construções particulares aí estão em abundância para o comprovar, tanto mais que se lê o sorriso da abastança alegre, que deve animar a fisionomia dos seus proprietários» (Vieira:1886, 567).

[[1]](http://www.museu-emigrantes.org/nvilasbrasileiro.htm" \l "_ftnref1" \o ") Figueirinhas, António; in "Prefácio", Costa, D. António da, *No Minho*, António Figueirinhas, 1900

[[2]](http://www.museu-emigrantes.org/nvilasbrasileiro.htm" \l "_ftnref2" \o ") Figueirinhas, António; in "Prefácio", Costa, D. António da, *No Minho*, António Figueirinhas, 1900